

28-12-2020

No “playground” de 2020: brincadeiras de mau gosto

Annibal Coelho de Amorim

[Médico. Doutor em Saúde Pública]

Em um piscar de olhos me dou conta que o ano quase se foi e olhando retrospectivamente 2020 vejo com muita tristeza que somos todos testemunhas de muitas brincadeiras de um profundo mau gosto. Os playgrounds do Brasil estão, ao mesmo tempo, vazios e silenciosos, tema que passo a explorar nessa reta final de um ano malfadado, em que se registram na história nomes de personagens que vão se afastando dos nossos cotidianos, sejam estes dos noticiários de jornais online ou televisivos. Quem poderia supor que a vida do país e de seu povo seria tão afetada?

Quase uma gestação de afastamento social e vemos com espanto que uma cena tão comum no período pós-natal - ver crianças brincando juntas no playground - seria dramaticamente retirada do calendário, isso sem falar que nos tempos de um Brasil pandêmico as memórias e celebrações de aniversários se transformaram em fragmentos online entre um Zoom aqui e outro Google Meet lá. Já não há mais espaço para os abraços em estádios de futebol e nos contentamos em assistir, bem de longe, os shows da vida transformados em noticiários estatísticos da mídia móvel e as taxas de ocupação de leitos. Por incrível que isso possa parecer, estamos caminhando para a proximidade de um carnaval sem desfiles de carros alegóricos e, pior ainda, o som barulhento das brincadeiras nas escolas foram reduzidos aos espaços reduzidos de brincar em casa. Videogames e avatares de nós mesmos foram introduzidos entre as rotinas de higienizar as mãos e o álcool em gel passou a ser gênero de primeira necessidade. Nem mesmo a geladinha com os amigos ou água de coco após a caminhada pode ser feita sem a devida preocupação dos dois metros indispensáveis.

Mas a figura alegórica do playground vazio e silencioso é a que vai permanecer em nossas retinas uma vez que nossos filhos(as) e netas(os) estão confinados, enquanto nossos sonhos se voltam agora para a chegada de Papai Noel mascarado distribuindo seringas e vacinas, sem contar que esse desejado presente vai chegar bem atrasado aqui em nossos tristes trópicos, lá pros idos de março, bota brincadeira de mau gosto nisso ... Às vezes me interrogo em meu isolamento social porque nosso país, em meio a tantas histórias possíveis, foi escolher logo um conto de terror, bem distante dos desenhos animados onde há espaços apenas para alegria e sorrisos.

No playground de 2020 só existe espaço para a gangorra onde o lado grotesco da gripezinha dá lugar lá em cima a uma letalidade anunciada sem cerimônia por pesquisadores do mundo inteiro. Por aqui 2020, no calendário chinês, vai ser registrado como o ano do Corona, um dragão que só no Brasil devorou mais de 180 mil pessoas, sem falar que os rituais das emotivas despedidas foram desaconselhadas.

Sem a devida permissão somos invadidos, dia sim outro também, que uma nova onda se avizinha, enquanto as autoridades batem cabeças em torno do calendário de vacinação, que entre outras coisas, requer planejamento mínimo, de tal forma que as seringas e os antídotos sejam obtidos junto aos respectivos fornecedores nacionais ou internacionais. Mais uma brincadeira de mau gosto a notícia de que os playgrounds, as escolas, as universidades vão ficar vazias e que somente os hospitais, estes sim vão ficar cheios de pessoas, agravado pelo fato que de maneira irresponsável muitos insistem em desacreditar a ciência.

Submetidos e subjugados a um vírus, cidadãos de todas as classes sociais estão rezando na mesma cartilha à espera de que o milagre da vida, tão esperado no Natal e o Ano Novo, apareça por aqui. Pra piorar - sempre pode piorar - se não fosse verdade, ainda tiveram a péssima ideia de criar a expressão do “novo normal”, como se pudéssemos ter a sensação de que tudo vai ficar bem de novo e que os playgrounds, mais cedo ou mais tarde, vão ficar normais de novo. Como se, por passe de mágica, as atitudes irresponsáveis com o meio ambiente fossem dar lugar a uma relação mais ética com o ecossistema e todo o conjunto de seres vivos que nele existem.

O ano que se vai, a essa altura, se transformou em um simulacro, algo que vai entrar para as histórias que se iniciam assim: meninos e meninas, eu vi ... Ninguém me contou, eu vi com estes olhos que as praças, ruas, avenidas, as cidades ficaram vazias e o silêncio ensurdecedor ocupou as nossas vidas de uma tal forma, que somos prisioneiros da passagem do tempo, pois é tudo o que nos resta, esperar que um dia se vá e outro chegue com boas notícias. Essa é esperança da boa nova, que o choque de realidade nega a cada segundo. Eleições acabam e os ventos de mudança retiram do cenário de lá do norte um topetudo, enquanto do lado de cá, bispos de brincadeira e seus assessores saem de cena pelas portas do fundo, expulsos pela vontade popular. Eu, no fim de uma gestação de distanciamento social, escrevo uma história que parecia ser ficção mas é a mais pura realidade: os tristes trópicos são aqui. Talvez os antigos já soubessem o que aconteceria em 2020 ...

Os playgrounds deviam sempre estar cheios de crianças correndo e brincando, essa é a lógica de um mundo do bem estar social, mas o mal estar da civilização, anunciado psicanaliticamente por Freud e filosoficamente por Bauman, chegou de repente e mandou que todos se afastassem de forma cuidadosa. Só esqueceram de avisar que ainda existem soltos, aqui e lá, os que plantam as *fake news* e colhem o caos que, cedo ou tarde, os colocarão não na memória do esquecimento mas na desonra do que fizeram, dia após dia, com cada segundo dos que se foram.

Resta repetir, tão somente, uma frase bastante conhecida, advertindo a sociedade brasileira: quem nunca soube brincar, receba de volta em 2022, o efeito esperado de toda pulsão de morte que plantou, pois:

Quem não sabe brincar, não pode descer para o playground

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.